

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

TERREIRO DE UMBANDA DA VIRGEM DA CONCEIÇÃO: RELATOS DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.

Vitória Tavares de Amaral Sousa¹, Otilia Aparecida Silva e Souza²

Resumo: Na região do Cariri, diversos terreiros de religiões de matrizes africanas já relataram terem sido alvo de práticas preconceituosas. Um deles é o terreiro de umbanda conhecido como *Casa da Virgem da Conceição*, localizado no bairro Seminário, na cidade de Crato, que se tornou o objeto central de minha pesquisa. No Brasil, os principais casos relatados são voltados para as religiões de matrizes africanas como a umbanda, o candomblé, a quimbanda, entre outras. Nosso país acumula uma quantidade absurda de casos de violência verbal, física, psicológica e patrimonial - que perpassam faixa etária, etnia e nível socioeconômico - contra os seguidores dessas religiões. O presente trabalho pretende analisar por meio de entrevistas e análise bibliográfica de que forma a intolerância religiosa se faz presente na vida cotidiana e espiritual da dirigente Francislândia, mais conhecida como Mãe Lana, e dos seus filhos de Santo no terreiro da Virgem da Conceição, localizado na região do Cariri, na cidade de Crato, Ceará. A violência de cunho religioso é uma prática que se desenvolveu no período colonial e vem se perpetuando em nosso meio. Através do referencial teórico composto pelas reflexões de Abdias do Nascimento (1978), Patrício Carneiro Araújo (2017) e de outros autores acerca das concepções de intolerância religiosa que conversam com os conhecimentos adquiridos nas visitas ao terreiro em questão, busco pontuar não apenas os casos de intolerância religiosa vivenciados pelos integrantes do local, mas também de que forma tais práticas se desenvolveram e continuam presentes. Por fim, incremento à esta pesquisa estratégias sociais que podem auxiliar no combate a violência contra as religiões de matriz africana.

Palavras-chave: Umbanda. intolerância religiosa. Preconceito.

¹ Universidade Regional do Cariri, email: vitoriatavares04@outlook.com

² Universidade Federal do Cariri, email: otiliaa15@yahoo.com.br

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

1. Introdução

Na região do Cariri, diversos terreiros de religiões de matrizes africanas já relataram terem sido alvo de práticas preconceituosas. Um deles é o terreiro de umbanda conhecido como *Casa da Virgem da Conceição*, localizado no bairro Seminário, na cidade de Crato, que se tornou o objeto central de minha pesquisa.

Discutir sobre intolerância religiosa é, para mim, de caráter essencial. No Brasil, os principais casos relatados são voltados para as religiões de matrizes africanas como a umbanda, o candomblé, a quimbanda, entre outras. Nosso país acumula uma quantidade absurda de casos de violência verbal, física, psicológica e patrimonial - que perpassam faixa etária, etnia e nível socioeconômico - contra os seguidores dessas religiões.

Na região do Cariri não é diferente. Mesmo que você não frequente nenhum terreiro, basta ter uma conversa com um umbandista ou candomblecista para escutar inúmeros relatos de violência que muitos sofreram e ainda sofrem, essas dentro de seus terreiros, no meio da rua ou até mesmo no âmbito familiar. Infelizmente são poucos os casos que são noticiados e denunciados, sejam por medo de sofrer uma repressão maior, por ameaças ou pela desunião existente entre os terreiros - que dificulta uma mobilização coletiva.

Meu interesse em estudar sobre a intolerância religiosa se deu inicialmente quando cursei a disciplina optativa de Cultura Africana e Afro-Brasileira em 2018 com minha professora e atual orientadora Otília Aparecida. Vi-me de frente a vários autores que abordam os mais variados

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

aspectos desses sistemas culturais riquíssimos, como Carlos Serrano, Maurício Waldman, Abdias Nascimento, entre outros. Suas teorias me ajudaram bastante a compreender um pouco mais acerca da construção do racismo e, com ele, da intolerância religiosa.

Logo após, em 05 de Junho de 2019, tive meu primeiro contato com o terreiro da *Virgem da Conceição*. À convite de uma colega de curso, me dirigi ao local com o intuito de ter um contato direto com uma religião que conhecia apenas através de livros e me deparei com uma sistemática de rituais e cânticos encantadores, que despertaram tanto um interesse pessoal quanto acadêmico.

Pessoalmente, foi extremamente engrandecedor ter contato com uma nova sistemática de religiosidade e poder desmistificar a visão que eu tinha até então. No âmbito acadêmico, aumentou ainda mais minha vontade de estudar e escrever sobre religiões afro-brasileiras, principalmente após ouvir inúmeros relatos pessoais de umbandistas acerca de situações extremamente preconceituosas e violentas contra eles e o próprio terreiro. Um dos relatos mais tocantes foi de um dia em que os filhos da casa estavam realizando seus rituais, rufando os tambores e cantando seus pontos, quando de repente ouviram tiros sendo disparados contra o local por intolerantes religiosos. Felizmente não houveram danos físicos, mas os danos psicológicos causados às pessoas que estavam apenas exercendo seu direito constitucional de cultuar sua religião são inimagináveis.

Apesar desse e outros acontecimentos serem inconcebíveis, a grande maioria sequer foi levado para algum âmbito da justiça, seja por medo de haver alguma retaliação maior ou porque infelizmente a maior partes dos terreiros do Cariri é invisibilizada e escondida. Diante disso, percebi que pesquisas nesse âmbito são extremamente importantes para compreender de que forma a intolerância religiosa impacta na vida dessas pessoas e de que forma é possível se organizar política e socialmente para que exista um combate a

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

essas formas de violência, contribuindo assim para uma maior visibilidade das religiões de matriz africana.

Proponho neste projeto introdutório uma análise sobre como se desenvolveram os processos de intolerância religiosa contra religiões de matriz africana e a exposição de relatos acerca das violências oriundas do preconceito e do racismo religioso por parte da Zeladora³ Francislania e pelos filhos de santo⁴ do terreiro de umbanda da Virgem da Conceição na cidade de Crato, Ceará, analisando de que forma tais casos impactam na vida cotidiana e espiritual dessas pessoas.

Inicialmente, os principais objetivos que me propus a atingir neste trabalho foram: reunir relatos acerca das experiências individuais e coletivas dos umbandistas que sofreram intolerância religiosa dentro e fora do terreiro, fazer um levantamento histórico sobre como se deu a construção do preconceito contra religiões de matrizes africanas no Brasil e analisar as ações de combate à intolerância religiosa na e se as mesmas são eficazes.

Em meios metodológicos, optei por fazer uso de uma análise qualitativa acerca da construção da intolerância religiosa contra religiões africanas e afro-brasileiras no Brasil por meio de uma revisão bibliográfica de autores que produziram trabalhos acerca do tema. Alguns desses autores são Reginaldo Prandi (2001), Abdias Nascimento (1978), Ricardo Mariano (2007), Vagner Gonçalves da Silva (2007), Cláudia Neve Silva e Fábio Lanza (2019), Patrício Carneiro Araújo (2018), Roger Bastide (2005), Mary Douglas (2004) e Van Genep (2011). Apesar de não ter utilizado alguns autores nesse trabalho de qualificação, pretendo trazê-los e desenvolvê-los no trabalho de monografia.

³ Fundadora do terreiro e responsável por zelar pelo mesmo e pelos seus filhos de Santo, auxiliando em seu desenvolvimento espiritual e mediúnico. Também conhecida como mãe de Santo.

⁴ Médiuns que desenvolveram sua mediunidade no terreiro da Virgem da Conceição por intermédio da mãe de Santo e dona do local, Francislândia, mais conhecida como Mãe Lana.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

O exercício e aprimoramento da escrita também serão essenciais nesse processo. Com o contexto da pandemia, senti que meu rendimento na escrita decaiu profundamente e isso é algo que me incomoda bastante, visto que escrever costumava ser algo prazeroso para mim. Algo que me vem ajudando bastante a exercitar novamente minha escrita é a obra de Gabriela Diniz, “Cartas de uma Orientadora”. que foi trabalhada na disciplina de Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais, ministrada por Renata Marinho e Roberto Marques. A autora procura dar diversas dicas acerca do exercício da leitura e da escrita ao longo de nossas vidas acadêmicas. Uma das dicas que mais tenho utilizado é a de me reunir com colegas para discutir sobre nossas produções e tecer críticas construtivas a respeito delas. Também acho de extrema importância seus comentários sobre a necessidade de respeitar seu próprio ritmo e não cair na tentação de se comparar com outros autores. Tenho aprendido a ser mais compreensiva comigo mesma e a me cobrar de uma forma saudável.

Outro autor que julgo ser de extrema importância para o aperfeiçoamento de minhas práticas de escrita e de pesquisa é Marcelo Camurça (2009). Em seu texto “Etnografia em Grupos Religiosos: Relativizar o Absoluto”, Camurça procura analisar quais posturas o pesquisador Antropológico deve adotar para ter um maior aproveitamento em seus trabalhos de campo.

Para a coleta das histórias orais, procuro utilizar-me do referencial teórico de Halbwachs (1990) e Ecléa Bosi (1993) que trabalham em suas obras os conceitos de memória social, memória individual e história oral.

2. Objetivo

O objetivo deste trabalho é analisar os principais casos de intolerância religiosa praticados contra o terreiro de umbanda Virgem da Conceição

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

Reunindo relatos acerca das experiências individuais e coletivas dos umbandistas que sofreram intolerância religiosa dentro e fora do terreiro.

3. Metodologia

No trabalho em questão, optei por fazer uso de uma análise qualitativa acerca da construção da intolerância religiosa contra religiões africanas e afro-brasileiras no Brasil por meio de uma revisão bibliográfica de autores que produziram trabalhos acerca do tema. Alguns desses autores são Abdias Nascimento (1978), Ricardo Mariano (2007), Vagner Gonçalves da Silva (2007), Cláudia Neve Silva e Fábio Lanza (2019), Mary Douglas (2004) e Van Genep (2011). Meu principal objetivo é dedicar uma quantidade significativa de meu tempo à leituras não apenas das obras desses autores, mas também de outros que possam vir a acrescentar em minha pesquisa.

O exercício e aprimoramento da escrita também serão essenciais nesse processo. Com o contexto da pandemia, senti que meu rendimento na escrita decaiu profundamente e isso é algo que me incomoda bastante, visto que escrever costumava ser algo prazeroso para mim. Algo que me vem ajudando bastante a exercitar novamente minha escrita é a obra de Gabriela Diniz, “Cartas de uma Orientadora”. que foi trabalhada na disciplina de Laboratório de Pesquisa em Ciências Sociais, ministrada por Renata Marinho e Roberto Marques. A autora procura dar diversas dicas acerca do exercício da leitura e da escrita ao longo de nossas vidas acadêmicas. Uma das dicas que mais tenho utilizado é a de me reunir com colegas para discutir sobre nossas produções e tecer críticas construtivas a respeito delas. Também acho de extrema importância seus comentários sobre a importância de respeitar seu próprio ritmo e não cair na tentação de se comparar com outros autores. Tenho aprendido a ser mais compreensiva comigo mesma e a me cobrar de uma forma saudável.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

Outro autor que julgo ser de extrema importância para o aperfeiçoamento de minhas práticas de escrita e de pesquisa é Marcelo Camurça (2009). Em seu texto “Etnografia em Grupos Religiosos: Relativizar o Absoluto”, Camurça procura analisar quais posturas o pesquisador Antropológico deve adotar para ter um maior aproveitamento em seus trabalhos de campo.

Pretendo também reunir relatos de experiências individuais e coletivas dos umbandistas que sofreram intolerância religiosa dentro e fora do terreiro Virgem da Conceição em Crato, Ceará. Inicialmente, pretendia reunir esses relatos por meio de entrevistas presenciais, mas como estamos vivendo em uma situação de pandemia e distanciamento social, provavelmente eles serão coletados de forma remota. As visitas a campo também seriam de extrema importância para a produção dessa pesquisa. Antes da pandemia tive a oportunidade de fazer uma quantidade significativa de visitas e coletar dados que me levaram a produzir uma etnografia sobre o terreiro para a disciplina de Práticas Etnográficas. Atualmente, com o lockdown e com o aumento contínuo dos casos de covid, a mãe de Santo optou por fechar o terreiro por tempo indeterminado, então momentaneamente não tenho possibilidade de realizar pesquisas de campo.

4. Resultados e discussões

O Terreiro da Virgem da Conceição, dirigido e zelado por Francislancia Sousa, popularmente conhecida como mãe Lana de Iemanjá, tem a sua história repleta de muita luta, resistência e, principalmente, fé. Antes de falar como foi o processo de construção desse Ilê⁵ abençoado por Iemanjá e refúgio

⁵Casa, moradia, residência; por extensão, a palavra é usada para designar barracões onde se pratica o Candomblé (CYRINO, 2014). Na Umbanda, também é comumente utilizada para se referir aos terreiros.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

espiritual de inúmeras pessoas que vão ao seu encontro em busca de ajuda, preciso falar sobre a trajetória espiritual de mãe Lana, uma mulher pobre e negra que carrega consigo vivências tanto espirituais como pessoais marcadas por intempéries.

Mãe Lana relata que, quando conheceu a Umbanda, ainda não compreendia o que ela era. Conhecia através do seu pai e de seus avós que frequentavam terreiros, mas tinha dentro de si um receio grande por não entender o que era essa religião e também por ver que seu pai, que era umbandista, tinha atitudes bastante desrespeitosas com a sua mãe. Em vista disso, associava essas atitudes à religião e dizia que era “do cão”, que não queria fazer parte daquilo.

É interessante analisarmos, em primeiro lugar, quais motivos levaram Francislania a construir em si esse pensamento acerca da umbanda. Sabemos que, ao longo de nossas vidas, somos moldados tanto no âmbito individual quanto no pessoal pelos grupos de referência que nos rodeiam.

Esses grupos - que podem estar presentes em nossa vida ou ter feito parte dela em algum momento, enraizando formas de pensamento - são responsáveis por fomentar os processos individuais de formação da memória e, por conseguinte, da construção de sua cadeia de pensamentos acerca de fatos sociais, que também os moldam (Halbwachs, 1990).

No caso da entrevistada, podemos compreender que estar inserida em um contexto familiar umbandista por parte de seu pai, católico por parte de sua mãe e, nesse processo, ver sua mãe passar por situações de desrespeito e humilhações, a levou a se firmar na igreja católica e enxergar a umbanda como uma religião que propaga a violência e a desunião familiar, gerando dentro de si a formação de pensamentos intolerantes e preconceituosos.

Essas concepções também eram alimentadas pelo contexto social da época. Final da década de 70, a cidade de Crato - mais especificamente o bairro Seminário, local onde Francislania e sua família se situam até hoje -

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

possuía uma comunidade católica que, na época, ditava as concepções religiosas que as pessoas deveriam adotar. Nisso estava incluso o preconceito e a demonização contra os terreiros de macumba, como eram popularmente conhecidos. Esse processo de demonização foi construído a partir das concepções católicas de “bem” e “mal” e era utilizado como argumento para que as pessoas enxergassem na umbanda aquilo que era considerado ruim pela igreja católica.

Ecléa Bosi (1993) nos traz essa perspectiva da importância de compreender os processos contextuais aos quais o indivíduo está inserido para assim conseguir interpretá-los ao discorrer que:

Quanto mais o pesquisador entra em contacto com o contexto histórico preciso onde viveram seus depoentes, cotejando e cruzando informações e lembranças de várias pessoas, mais vai-se configurando a seus olhos a imagem do campo de significações já pré-formadas nos depoimentos (BOSI, 1993).

Apesar de ter dentro de si pensamentos negativos em relação à Umbanda, desde muito nova já possuía a mediunidade aflorada e passava por episódios de cobranças espirituais, mostrando que a mesma precisava começar a se desenvolver em um centro de Umbanda para trabalhar a sua espiritualidade.

Alguns anos depois, começou a realizar os seus trabalhos espirituais na casa de sua mãe, em um quartinho pequeno ou no quintal. Isso se estendeu por um período, até que uma moça foi à sua procura pedir ajuda porque estava com problemas em seu emprego. Disse que se a pomba gira rainha a ajudasse, iria construir uma casa para ela. A moça acabou conseguindo o emprego que almejava graças à ajuda espiritual de mãe Lana e, em poucos dias, chegou na casa da mãe de Francislania um caminhão com vários tijolos para a construção da casa da rainha pomba gira, como fora prometido. Disso

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

em diante começou o processo de construção do terreiro da Virgem da Conceição.

Ao falar sobre a trajetória espiritual e o processo de construção do terreiro da Virgem da Conceição, é imprescindível trazer aqui a temática central desta pesquisa: os casos de intolerância religiosa vivenciados por mãe Lana, pelos seus filhos de Santo e pelo terreiro em si. Já no início da construção do Ilê, mãe Lana se viu diante do preconceito e do julgamento das pessoas que estavam ao seu redor e que habitavam próximas à casa de sua mãe, local onde o mesmo foi construído.

Ela relata que o processo de construção e os primeiros anos foram os mais difíceis. Como a rua Lavras da Mangabeira até então não possuía nenhum terreiro e a maior parte das pessoas que moravam no entorno eram católicas e evangélicas, os vizinhos não viram com bons olhos a construção de um terreiro de macumba⁶, como é popularmente conhecido.

Quando eu comecei a construir, queriam me denunciar, sabe? Mas eu não baixei a cabeça porque a minha religião é igual a qualquer uma. Porque tem cânticos, em todas as religiões têm cânticos. Porque tem atabaques, em todas as religiões têm atabaques. Mas cada um formaliza seus instrumentos com seus próprios nomes. Na Umbanda é atabaque. Então quando diziam “vai ter um terreiro de macumba? já prestou”, eu não tive medo. (F. S. 52, 02/08/2022)

Além das tentativas de denúncia contra o terreiro - que nunca levaram de fato nenhuma autoridade jurídica ou policial ao local de forma indevida⁷ -

⁶ É uma palavra que gera controvérsia em relação ao seu significado. Para Roger Bastide (2005), é um termo utilizado para designar um agrupamento com teor ritualístico de origem africana. Também traz o significado no dicionário de “Antigo instrumento de percussão de origem africana, espécie de Canzá que consistia num tubo de taquaras com cortes transversais onde se friccionam duas varetas, e que era outrora usada em terreiros de cultos afro-brasileiros”.

⁷ Uma vez que, segundo o art. 23 do capítulo III do Estatuto da Igualdade Racial - Lei 12288/10 Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias” e também segundo o art. 24 desse mesmo capítulo “o direito à liberdade de consciência e de crença e ao livre exercício dos cultos religiosos de matriz africana compreende: I - a prática de cultos, a celebração de reuniões relacionadas à religiosidade e a fundação e manutenção, por iniciativa privada, de

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: "Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação"

mãe Lana e os seus filhos de Santo sofreram inúmeras agressões de cunho verbal e até mesmo físico em alguns momentos. Em um desses episódios de violência, um homem bêbado atirou para cima no terreno que fica logo atrás do terreiro. Era um dia de festa em homenagem à Pombagira Rainha e todos do terreiro estavam festejando até escutarem os disparos. Assustados, correram para os cantos com o intuito de se protegerem enquanto a Pombagira, incorporada em mãe Lana, disse para todos ficarem quietos e foi confrontar o homem, que logo fugiu com medo.

A mãe de Santo conta que era comum haver tentativas de silenciamento e de ameaças de violência. Além desse dia em que houve os disparos, em outros algumas pessoas também jogaram pedras e tijolos no telhado do terreiro, chegando até mesmo a quebrar as telhas. Atualmente, esses tipos de ataques físicos pararam, mas o medo de retornarem em algum momento é constante.

Também era costume ouvir pessoas falando sobre o seu terreiro de forma extremamente preconceituosa, se referindo às giras de esquerda⁸ como "coisa do cão" e que tanto mulheres como homens jovens iam para o seu terreiro para se "desvirtuar".

Esse pensamento bastante comum de que as figuras de Exu e Pombagira são consideradas demoníacas foi construído, segundo Torres e Martins (2021), a partir de uma incompreensão sobre suas origens e processos ritualísticos. Até hoje, principalmente aos olhos de pessoas que cresceram com concepções cristãs, tem-se a ideia de que Exu é a própria representação do

lugares reservados para tais fins". Disponível em: Estatuto da Igualdade Racial - Lei 12288/10 | Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, Presidência da República (jusbrasil.com.br).

⁸ Na umbanda, existe a linha da esquerda e a linha da direita. A de direita é composta por entidades como pretos velhos, caboclos, marinheiros, índios e outras entidades que trabalham de acordo com a energia de Oxalá. Já a linha da esquerda é composta por Exus, Pombagiras e Exus Mirins, que possuem uma vibração mais parecida com as dos seres humanos, tendo consequentemente uma energia mais terrena.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

demônio critão e que seus rituais, às vezes compostos por sacrifícios de animais e outras práticas, são maléficos.

É necessário ter uma atenção à forma que se é referido às práticas religiosas de matriz africana, uma vez que remetê-las à concepção de maldade cristã é incabível. Apesar da umbanda possuir o seu sincretismo com o catolicismo, ambas as religiões detêm dogmas e concepções diferentes daquilo que é considerado “bom” ou “mau”, assim como as outras religiões de matriz africana também possuem. Se na visão cristã é errado realizar sacrifício de animais e outras formas ritualísticas, para a cultura africana essas dinâmicas são sagradas e importantes em seus processos ritualísticos.

Também podemos compreender que:

A demonização de Exu vem de um racismo epistêmico que privilegia e valoriza a cultura e o pensar do ser humano, normalmente homem, branco, europeu, que procura distanciar-se do ser selvagem ou primitivo. Exu, por sua vez, é uma divindade que trabalha justamente com elementos comumente oprimidos em religiões abraâmicas, principalmente quanto a sexualidade e os prazeres humanos [...]. Um dos símbolos mais importantes de Exu é o falo. Quando os missionários europeus tiveram contato com este elemento, associaram-no instantaneamente à promiscuidade, sem considerar sua significação relacionada à fertilidade e à vida (TORRES E MARTINS, 2021).

Por conseguinte, não é apenas a figura de Exu que sofre com as consequências do racismo. As religiões de matriz africana em geral enfrentam o que é hoje conhecido como racismo religioso, advindo da construção do racismo estrutural universalizado a partir dos processos de colonização que foram explicitados no primeiro capítulo. Apesar de hoje em dia ser uma denominação aceita e utilizada tanto pela comunidade acadêmica quanto pelos militantes e povos de terreiro, entender a intolerância religiosa contra religiões afro-brasileiras como parte de um preconceito racializado foi um processo deveras complicado.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

Na segunda metade do século 2000, a população de terreiro em geral ainda possuía grandes dificuldades em compreender e colocar o racismo religioso como um dos motivos para a perpetuação da intolerância religiosa (HARTIKAINEN, 2021). Isso se dava por um desconforto gerado em decorrência da visão de que os Orixás, sejam da umbanda ou do candomblé, não faziam distinção racial, uma vez que a mesma é pertencente às questões terrenas, não astrais.

Decorrente desse pensamento, algumas figuras militantes de Salvador pertencentes ao candomblé começaram a apresentar o racismo religioso como algo recorrente e válido, utilizando o argumento de que o termo era necessário para explicitar como os principais alvos de preconceito religioso contra as religiões de matriz africanas eram pessoas com marcadores raciais definidos, sendo em sua grande maioria negras e afro-brasileiras.

Desde então, o termo racismo religioso passou a ser usado com notável frequência. Não apenas seu quadro de referência se expandiu para abranger uma crítica política mais ampla da noção de intolerância religiosa, como também encontrou um público receptivo muito além das discussões ativistas. Mesmo que a ênfase do termo na raça continue a incomodar alguns adeptos, ele foi, inclusive, adotado por autoridades estatais e legais e acadêmicos que simpatizavam com a situação das religiões de matriz africana (HARTIKAINEN, 2021).

Podemos perceber a adesão maior desse termo por parte da comunidade de terreiro através das entrevistas realizadas com os filhos de Santo do terreiro da Virgem da Conceição. Trago destaque para a entrevista realizada com Aline Alves, uma mulher negra de 25 anos que é adepta da umbanda e filha de Santo de mãe Lana desde 2018. Sua trajetória, tanto pessoal quanto espiritual, é marcada por uma série de violências decorrentes do racismo religioso e estrutural. A sua trajetória dentro da espiritualidade começou cedo, ainda no ventre de sua mãe. Sua família materna é quase toda composta por umbandistas e pessoas adeptas da espiritualidade. Entretanto,

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

seu primeiro contato com um terreiro de umbanda demorou a acontecer porque Aline tinha dentro de si um medo construído a partir dos estereótipos sociais designados às religiões de matriz africana, tendo a visão de que a macumba era do mal, era feitiçaria, em suas próprias palavras.

Foi só após terminar o ensino médio e entrar no curso de Ciências Sociais que começou a desconstruir os pensamentos preconceituosos que tinha em relação à umbanda e, à convite de um amigo que hoje é seu irmão de Santo, teve o seu primeiro contato com essa religião ao visitar o terreiro da Virgem da Conceição.

Através dele e do próprio curso de Ciências Sociais foi que eu fui desconstruindo esses pensamentos e despertando a curiosidade de conhecer a umbanda. Por eu ter ficado amiga de Murilo, confiei e resolvi conhecer, senti a necessidade de conhecer o terreiro dele. Aí foi o meu primeiro contato com terreiro de umbanda, em 2017. O meu primeiro contato foi quando eu conversei com um mestre, seu Zé Pilintra, na verdade foi a primeira entidade que eu conversei na vida. Ele falou tudo, tudo da minha vida, e eu fiquei sem entender como aquela pessoa incorporada, que era mãe Lana, sabia de tudo da minha vida, coisas que nem Murilo sabia. Algo que me tocou muito foi quando Zé Pilintra falou do meu avô, que eu já tinha sido preparada de berço, dentro do ventre da minha mãe. É tanto que eu já tinha uma mediunidade bem aflorada, eu via as coisas, escutava as coisas e ia chegar um momento que eu ia ter o primeiro contato com algum terreiro e era aquele. A partir daí eu comecei a ir. Quando foi em Janeiro de 2018, quando passei mais de 6 meses indo, foi que decidi que realmente queria ser filha da casa, que era algo da minha raiz, que eu tinha necessidade de desenvolver e queria fazer aquilo do coração, para continuar o legado do meu avô (A. A. 25, 28/07/2022).

Porém, antes de iniciar o processo de desenvolvimento, Aline disse que permeava por sua mente receios em relação a se firmar na umbanda. Um dos principais motivos era o fato de sua família paterna ter um grande preconceito em relação aos terreiros de macumba, como se referiam. Mesmo com o medo, escolheu fazer parte do terreiro e sofreu alguns ataques de intolerância por parte da família, escutando piadas sobre a sua escolha e palavras preconceituosas. Apesar disso, nunca se curvou ao preconceito de sua família

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

e se manteve firme em sua decisão. Também sofreu bastante em seu círculo de amizades, composto em sua maioria por pessoas evangélicas. Sua melhor amiga chegou a dizer que a amizade entre as duas iria mudar porque agora ela havia escolhido uma religião que a mesma não concordava.

No âmbito profissional, sentia grandes dificuldades. Por ser da área da educação - mais especificamente da Sociologia - as oportunidades de emprego são em sua maioria para o ensino médio, algo que dificultava bastante em decorrência da maior parte das escolas da rede privada de ensino médio terem uma ligação católica e uma preocupação com a religião do professor que está participando dos processos de seleções. Aline conta que perdeu muitas oportunidades por falar que era umbandista e ser descartada como opção pelos colégios, demonstrando aí o preconceito existente nas escolas privadas católicas do Crato.

Nas relações amorosas, as dificuldades também se fazem presentes. Por ser uma mulher gorda, negra e umbandista, Aline diz sofrer bastante preconceito, pois sempre procura deixar claro ao conhecer alguém que faz parte de uma religião de matriz africana e que tem orgulho disso. Diz também que, aonde vai utilizando suas guias em seu pescoço, percebe olhares tortos, tanto de curiosidade quanto de preconceito.

Ao ser indagada sobre o que leva, em sua opinião, a haver todos processos de violência contra si, a resposta é clara:

É racismo. Começa do racismo. Por ser uma religião de matriz africana e ter um processo histórico totalmente intolerante em relação às origens e à cultura negra Brasileira, infelizmente acabou interferindo dentro dessa visibilidade da religião afro-brasileira, seja umbanda ou candomblé. Então por ser uma religião de negro, acabou tendo esse trilhar, essa visão que a umbanda é coisa ruim, é feitiço, é magia negra. O nome pejorativo já diz, magia negra. Então hoje, o que faz ter realmente essa intolerância vindo o todo o processo histórico, é a questão do racismo, da xenofobia e atualmente é o quê... É o mesmo sentido, só que camuflado. Como hoje não é mais admitido o racismo, eles procuram outras formas, outras maneiras de responder, então vão pegar a questão religiosa, o sentido religioso,

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

para dar a desculpa que aquilo é errado porque a bíblia diz isso, fala sobre a questão de vultos, a questão das imagens, porque não pode adorar imagens, não pode beber, não pode fumar, não pode estar em festa. Então eles usam a doutrina de uma religião específica para tentar derrubar a legitimidade de outra religião. E ao mesmo tempo que está tentando derrubar, ela está tentando esconder a história por trás de onde tudo começou, onde todo o preconceito começou. Então hoje eu vejo que a intolerância predomina religiosamente como uma forma de desculpa para não agredir diretamente os negros, a cultura negra. Então utilizam a palavra de Deus, que Deus deixou escrito. Mas é racismo e xenofobia (A. A. 25, 28/07/2022).

Essa concepção de que o racismo é um dos principais responsáveis pela permanência da intolerância religiosa contra os povos de terreiro também é compartilhada por Murilo de Ogum, forma que gosta de ser chamado quando se coloca enquanto umbandista. Sobre o racismo religioso, ele diz:

As pessoas diminuem as religiões de matriz Africana por virem de uma população preta, por virem de negros que foram escravizados. Lá onde eles moravam não eram escravos, eram reis e rainhas, mas as pessoas só encaram como uma religião de pobre, de preto, de periferia, de pessoas que não prestam, drogados. E não, a gente é uma religião do povão sim porque a gente acolhe pessoas independente de sua religião, sua etnia, sua sexualidade. Então por as pessoas que as outras religiões discriminam serem acolhidas, a gente acaba sendo discriminado por isso também. Então é um preconceito social que envolve a questão de cor (M. R. P. J. 23, 15/07/2022).

Apesar de não sofrer com as consequências do racismo estrutural em sua vida pessoal por ser um branco, Murilo sofre diretamente com os resquícios do racismo religioso. Desde muito novo, por volta dos seus 11 anos, ele frequenta casas espirituais e tem a sua trajetória dentro da umbanda. Sua família, assim como a de Aline, possui uma ancestralidade espiritual que perdura por gerações. Através de suas tias - em especial sua tia Liduína, que hoje também é sua irmã de Santo e uma das entrevistadas para essa pesquisa - começou a frequentar os terreiros de umbanda do Crato e trabalhar sua mediunidade.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

Desde o início, encontrou grandes percalços para seguir a religião que tanto amava e admirava, pois o seu pai que era extremamente intolerante religioso tentava impedi-lo de frequentar os terreiros a todo custo. Em determinado momento, precisou mentir sobre os locais que ia para conseguir estar presente nas baías.

Meu desenvolvimento se tornou bem complexo a partir do momento que a gente sabe que a gente vive em uma sociedade extremamente preconceituosa e se tornou difícil o meu desenvolvimento mediúnico porque você precisa estar presente toda semana no terreiro e a partir do momento que meu pai, por intolerância religiosa, não permitia eu ir por eu ainda ser criança, comecei a inventar várias desculpas para conseguir ir para o desenvolvimento toda semana. Era renovação, aniversário, eram várias questões até eu começar meu desenvolvimento mediúnico na Umbanda, e aí fui me firmando cada vez mais, utilizei esse preconceito inicial realmente como uma forma de me fortalecer. Mas não foi fácil. Ele praticava intolerância religiosa dentro de casa, jogava minhas velas fora, meus incensos, já jogou cimento em minha cara por estar cantando um ponto da Umbanda, já me expulsou de casa. (M. R. P. J. 23, 15/07/2022),

Apesar das dificuldades, nunca se afastou de sua religião e continuou lutando para frequentá-la. Já com seus 14 anos, conheceu o terreiro da Virgem da Conceição de uma forma muito bonita e simbólica. Ele conta que na semana Santa, mais especificamente no dia que é realizado o cruzeiro das almas⁹, ele e sua tia Liduína foram rezar o terço no terreiro de Lurdinha e, ao sair ao meio-dia, receberam um chamado para procurar um terreiro do Seminário.

Seguindo a intuição, ambos foram vagando pelas ruas do bairro até que viram uma bandeira branca, sinalizando o Terreiro da Virgem da Conceição. Mãe Lana, nesse dia, havia preparado um trabalho que utilizava goles de vinho e pedaços de pão representando o corpo e o sangue de Cristo. Antes deles chegarem, havia sobrado dois goles de vinho e dois pedaços de pão, que a

⁹ Momento religioso em que as pessoas costumam direcionar orações para as almas de entes queridos que já faleceram.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

mãe de Santo guardou porque estava à espera da chegada de dois novos filhos de Santo. Ao adentrarem o terreiro, Murilo e Liduína se serviram e ali foi confirmado: eles eram os dois filhos de Santo designados pela espiritualidade.

Hoje em dia, com seus 11 anos de umbanda, ele ainda enfrenta as consequências do preconceito religioso. Em sua vida profissional, enquanto terapeuta, diz que vê recorrentemente o seu trabalho ser desqualificado por relacionarem seus tratamentos terapêuticos à macumba, do curandeirismo, em suas palavras. Já passou por constrangimentos do tipo na URCA e nas UBS em que estagiou.

Também fala sobre a dificuldade em não haver na umbanda feriados religiosos como ocorre com o catolicismo:

Tem também a questão que a gente sabe que toda religião tem seus feriados, tem seus dias de festejos, e a partir do momento que a gente tem vários feriados nacionais por conta de Santos Católicos e eu não ter uma justificativa para a faculdade ou para o trabalho por ser dia de lemanjá, ser um dia de Oxóssi, que eu tenho que correr atrás de minhas oferendas, tenho que correr atrás de minhas obrigações e eu não tenho como justificar isso. No dia de Nossa Senhora Aparecida ninguém precisa ir para o trabalho porque é feriado, por exemplo, ou no dia de Nossa senhora de Fátima, e vai pra missa. Então isso eu também encaro como preconceito estruturado, que as pessoas para cultuarem seus Santos conseguem ter esse dia, mas para eu correr atrás das minhas oferendas que demandam muito tempo, despachar essas oferendas, limpar o terreiro, preparar a comida do Santo, preciso me articular com minhas tarefas diárias e minhas obrigações porque não é reconhecido como uma justificativa plausível (M. R. P. J. 23, 15/07/2022).

Sua tia e companheira de trajetória na umbanda, Espedita Liduína, também encontrou em seu trilhar espiritual uma série de dificuldades. Quando mais nova, Liduína costumava frequentar a igreja Católica com assiduidade, mas desde essa época já tinha experiências espirituais que fugiam do catolicismo. Ela conta que aos domingos costumava ir à igreja com suas irmãs e a mais nova chegava a incorporar no local. Em casa, elas ouviam barulhos e viam coisas que fugiam de sua compreensão na época.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

Por volta dos seus 12 anos, começou a frequentar terreiros na companhia de sua tia Celina, irmã de seu pai. A partir daí, iniciou sua jornada espiritual frequentando inúmeros terreiros até chegar ao Terreiro da Virgem da Conceição, onde se desenvolveu e se firmou como filha de Santo.

Ao ser indagada sobre os preconceitos que sofreu ao longo de sua vida por ser umbandista, ela indaga: “preconceito? Eu não lembro.. Já sofri?”. Somente após eu instigá-la e dar exemplos de atitudes preconceituosas, Liduína se surpreende e responde que já sofrera, mas não sabia que aquelas atitudes eram consideradas preconceituosas.

Ah, isso é preconceito também? (após eu explicar o que é preconceito e dar exemplos) Pois passei por tudo isso mesmo. É porque preconceito seria também assim de estar falando que eu sou macumbeira na minha cara... Pronto, pois as pessoas olham torto e tem uma prima minha que se benze quando me vê. Já sofri preconceito também quando minha vizinha de outra casa que morei ficava me olhando atravessado pela janela, chegou a jogar coisas em mim, dizia para o povo que eu fazia macumba para ela. Eu nem sabia que isso tudo era preconceito. Já teve crente vizinha que olhou com cara feia também. Já passei por tudo isso. Mas nunca destratei ninguém. Do crente ao católico, sempre tratei e recebi todo mundo bem (E. L. S. 52, 28/07/2022).

Julgo essa fala da entrevistada como de extrema importância para analisar de que forma a desinformação pode contribuir para a perpetuação e normalização de práticas de intolerância religiosa. Antes de eu realizar a explicação, Liduína não compreendia que as atitudes que várias pessoas tiveram contra ela eram, de fato, configuradas como preconceito, por mais que soubesse que eram atitudes erradas.

É a partir de situações assim que podemos compreender a importância de existir políticas educacionais de conscientização acerca de temas sociais. Infelizmente, a maior parte da comunidade acadêmica que estuda sobre intolerância religiosa e outras pautas sociais se limita ao meio universitário e não estende sua pesquisa ao grupo que estudam, em sua maioria composto

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

por pessoas pobres e periféricas, com pouco ou nenhum acesso à uma educação de qualidade.

Isso, atrelado ao fato de que o sistema educacional público Brasileiro não é efetivo em realizar práticas educacionais de conscientização sobre pautas sociais, acaba gerando um desfalque de conhecimentos preocupante.

Patrício Carneiro Araújo (2017), fala como o processo de construção e desenvolvimento da educação no Brasil está diretamente atrelado às práticas discriminatórias presentes no período colonial e que foram explicitadas no primeiro capítulo deste trabalho. Com todo o processo de acultramento presente na colonização e o fato de que as instituições educacionais foram criadas e moldadas a partir da religiosidade cristã, prevalecendo também nos meios educacionais essas formas de apagamento e, por conseguinte, da desinformação acerca do que é o preconceito e a intolerância religiosa, refletindo não apenas no meio escolar e acadêmico, mas sim em todas as instâncias sociais.

É assim que começa a história da educação no Brasil: sob o signo do medo, da intolerância, da demonização do outro e da imposição de valores civilizatórios exógenos. Contudo, o mais importante de se lembrar neste momento da reflexão é que todo esse processo se dava no contexto de uma educação promovida pelas ordens religiosas católicas e, de modo mais proeminente, pelos jesuítas. É a protocélula das nossas escolas que assume e desempenha esse papel de imposição cultural através da desqualificação e satanização da cultura e da religião do outro. É isso que a história dos primórdios da educação no Brasil nos revela (ARAÚJO, 2017).

Podemos compreender, portanto, que o cerne da problemática em relação às práticas de intolerância religiosa pode ser encontrado principalmente no âmbito da educação. Mas nela podemos encontrar e desenvolver também uma chave para combater essas formas de preconceito.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

Aline, a única dos entrevistados que atua na área educacional, trouxe uma reflexão em sua fala sobre a importância da educação nesse processo de desconstrução de pensamentos. Ela diz que atualmente, enquanto professora de ensino básico, prioriza ao máximo levar pautas sociais para trabalhar com os seus estudantes, abordando temas como intolerância religiosa, racismo, xenofobia, gordofobia, lgbtfobia, entre outros.

O cientista social ou qualquer outro tipo de professor da área de humanidades tem que ter consciência política, social e racial para trabalhar isso, porque na família é muito complicado. Se aquela pessoa na família não tem esse conhecimento, como vai passar para seus filhos? Quem fundamenta o indivíduo é a escola, é a educação. Então isso deveria ser trabalhado mais nas escolas. Agora como? Formação para os professores. O Estado tem essa formação, mas o Estado não vai fazer isso infelizmente. Então cabe a conscientização mesmo dos professores. Esse semestre coloquei uma disciplina que é cultura, memórias indígenas e afro brasileiras, já para trabalhar com os meninos isso, essa desconstrução. Então o pouco que eu puder fazer dentro da educação, já vai ser muito válido (A. A. 25, 28/07/2022).

Esse trabalho e principalmente cuidado em relação ao que será tratado em sala de aula é extremamente importante para evitar a perpetuação de pensamentos e atitudes racistas intolerantes para com as religiões afro-brasileiras.

Desde 2003, a educação tem o auxílio da Lei 10.639/03 que foi sancionada em 09 de janeiro deste ano e se apresenta como uma grande conquista dos movimentos sociais negros que vêm há anos lutando em combate à discriminação (SILVA; SILVA; BERNARDINO, 2014). A referida lei prevê a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no currículo escolar de ensino básico tanto da rede pública quanto da privada.

Apesar dos percalços em relação à sua implementação, compreendemos a importância que a sua existência e aplicação prevê para que ações de combate à intolerância religiosa contra religiões de matriz africana sejam de fato efetuadas tanto no âmbito social quanto pessoal, uma

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

vez que a formação do indivíduo e de sua forma de pensar acerca dos diversos fatos sociais se dá através de suas experiências na escola e nesses processos de sociabilidade. Ao trazer temáticas que expliquem o que é o racismo e desmistificam todas as concepções pejorativas que envolvem as religiões afro-brasileiras, podemos agir ativamente no combate do racismo religioso e de todas as formas de preconceito que o envolverem.

5. Referências

ARAÚJO, Patrício Carneiro, **Entre ataques e atabaques: intolerância religiosa e racismo nas escolas**, - Patrício Carneiro Araújo, São Paulo: Arché Editora, 2017.

BARBOSA JÚNIOR, **O livro essencial de Umbanda / Ademir Barbosa Júnior**, - São Paulo: Universo dos Livros, 2014.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BASTIDE, Roger, “**Nascimento de uma Religião**”, in **As Religiões Africanas no Brasil**, CAP 6, 2º vol., São Paulo, Pioneira/Edusp, 1971.

BOSI, Ecléa. **A pesquisa em memória social**, Psicologia USP, S. Paulo, 4(1/2), p. 277 - 184, 1993.

CAMARGO, Hertz Wendel de, **Umbanda, cultura e comunicação: olhares e encruzilhadas**. / – Curitiba : Syntagma Editores, 2019.

CAMURÇA, Marcelo Ayres, “**Etnografia em grupos religiosos: Relativizar o Absoluto**”. São Cristóvão, TOMO, Nº 14, jan/jun. 2009.

Como cuidar do ori na Umbanda? **Você Pergunta**, 2021. Disponível em: [Como cuidar de seu Ori? \(vocepergunta.com\)](http://vocepergunta.com). Acesso em: 08 de agosto de 2022.

CYRINO, Suely. Dicionário da Umbanda. **Casa de Miguel Arcanjo**, 2014. Disponível em: [Dicionário da Umbanda – Casa de Miguel \(casademiguelarcanjo.com.br\)](http://casademiguelarcanjo.com.br) / Acesso em: 09 de agosto de 2022.

VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO

CIENTÍFICA DA URCA

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: “Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação”

FARDON, R. **Pureza e perigo** revisitado. In: _____. Mary Douglas: uma biografia intelectual. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

HARTIKAINEN, Elina Inkeri. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 21, N.40, P. 89-114, ago/dez. 2021.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffer. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. p 9-17.

MARIANO, Ricardo, “**Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros**”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo, Edusp, 2007 (p.119-147)

MORAIS, Marcelo Alonso, **O Sincretismo Religioso como Elemento Legitimador da Umbanda**, Revista Continentes (UFRRJ), ano 3, n.4, 2014, p. 180-200.

NASCIMENTO, Abdias do (1978). **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**.

PEREIRA, André Luis, **Mobilização política, resistência cultural e religiões afro-brasileiras sob o olhar de Abdias do Nascimento**, Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 24, Jan, Abr. 2011.

PRANDI, Reginaldo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

RENNALTA, **Intolerância religiosa: o racismo cultural que vem desde a colonização**, 2020
(geledes.org.br)

SILVA, Ana Claudia Emídio da; SILVA, Joselina da e BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues, **História e Cultura Afro-Brasileira: um olhar sobre a lei 10.939/2003 nas bibliotecas escolares**, Bibl. Esc. em R., Ribeirão Preto, v.2, n.2, p. 1-16, 2014.

SILVA, Cláudia Neves e LANZA, Fabio (2019), “**A intolerância religiosa à brasileira: estudo de caso na cidade de Londrina/Paraná**”, Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXXVII, pp. 97-118

**VI SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA
XXIV SEMANA DE INICIAÇÃO
CIENTÍFICA DA URCA**

13 a 17 de Dezembro de 2021

Tema: "Centenário de Paulo Freire: contribuição da divulgação científica e tecnológica em defesa da vida, da cidadania e da educação"

SILVA, Vagner Gonçalves da (org.). **Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, 328pp.

TORRES, Maycon Rodrigo da Silveira e MARTINS, Natasha, **Intolerância religiosa e a demonização de religiões de matriz africana na "Pandemônia"**, revista relegens thréskeia, 2021, UFPR, V. 10 N1 (2021)-pp. 301 a 319.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

VELHO, Yvonne Maggie Alves, **Medo do Feitiço: Relações entre Magia e Poder no Brasil**, Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1992.